

HISTÓRICO DE ENFERMAGEM: DE QUE MANEIRA MÉDICOS, ENFERMEIROS E PACIENTES PERCEBEM A SUA IMPORTÂNCIA?*

*Rosane Cardoso Machado***

RESUMO: Trata da percepção do médico, enfermeiro e paciente em relação à importância dada à aplicação do HE como instrumento para coleta de dados do indivíduo hospitalizado. Após serem dispostos em quadros os dados foram analisados, concluindo-se que: médicos e enfermeiros consideram o Histórico como instrumento importante para ser aplicado em clientes hospitalizados e os pacientes apreciaram haver respondido às perguntas da enfermeira, sentindo-se à vontade com relação à hospitalização depois daquele momento.

1. INTRODUÇÃO

A curiosidade pela realização deste trabalho surgiu a partir do momento em que a autora se questionou quais eram as percepções do médico, enfermeiro e paciente sobre o HISTÓRICO DE ENFERMAGEM (HE) como instrumento para coleta de dados do indivíduo hospitalizado.

Ao longo dos tempos, a Enfermagem vem tentando definir os seus princípios científicos, procurando, dessa forma, sobreviver com filosofia própria e definida. A assistência prestada pelo enfermeiro ao indivíduo representa o cume para onde emergem as descobertas até o momento realizadas.

*Trabalho premiado com o prêmio Marina Andrade Rezende no XXXVI, CEBEN em São Paulo. Trabalho orientado pela Prof.^a Maria Henriqueta Luce Kruse.

**Estudante do 7.^o semestre da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Entre as diversas teorias existentes (Adaptação, Sinérgica, Holística, etc.), está a das Necessidades Humanas Básicas; Horta⁶, estudando esta teoria e, a partir de então, estabelecendo um processo, definiu-o como "a dinâmica de ações sistematizadas e inter-relacionadas, visando a assistência ao ser humano". Constituiu-se de seis fases ou passos, podendo ser representado graficamente por um hexágono, cujas faces são vetores bi-orientados e no centro do qual encontrar-se-ia o indivíduo, família e comunidade. O primeiro passo do processo é o HE, sendo sucedido respectivamente pelo diagnóstico, plano assistencial, plano de cuidados, evolução e prognóstico. Enuncia, ainda, que o Histórico é o roteiro sistematizado para o levantamento de dados do ser humano (significativos para o enfermeiro), que tornam possível a identificação de seus problemas. Horta⁶ enfatiza a importância do HE ser aplicado no momento da admissão do paciente, explicando-se-lhe, oportunamente, o que se vai fazer e por quê. Deve ser conciso, conter informações que permitam dar um cuidado imediato, individualizado e não deve conter informações duplicadas.

Cianciarullo³ e Horta⁶ sugerem que uma cuidadosa coleta de dados do paciente, preferencialmente no momento de sua admissão, é a melhor abordagem para planejar a assistência que se prestará ao ser humano durante a sua internação.

Cianciarullo³ afirma que "o Histórico de Enfermagem poderá ser dividido em duas etapas e colhido preferencialmente nas primeiras 24 horas de internação do paciente; deve ser claro, conciso e conter informações que sirvam de orientação para a prescrição de enfermagem; ainda, deve levantar problemas para os quais a Instituição esteja apta a resolver".

Du Gas⁴ considera que o Histórico fornece "um guia sistemático de informações que ajuda a enfermeira: (1) a planejar e modificar sua assistência de modo a atender às preferências e aos padrões habituais de vida do paciente; e (2) estabelecer uma base para a avaliação dos resultados de seus cuidados".

Amorim¹ salienta o conhecimento prévio que se deve ter em relação ao estado do paciente, através de consulta ao seu prontuário, conquistando-se, assim, mais facilmente, a sua confiança.

A coleta de dados para a elaboração do Histórico, segundo Paim⁸, deve ser através de entrevista informal, possibilitando maior relacionamento enfermeiro-paciente e infundindo maior segurança ao paciente, obtendo-se dados necessários à iniciação do Processo de Ajuda. Salienta, porém, a existência de "fatores que influenciam o comportamento do paciente e da enfermeira durante a abordagem para a coleta

de dados: a necessidade de ajuda, experiência anterior como paciente, experiência passada em relação a outras pessoas e receios inerentes à própria enfermidade caracterizariam o paciente, enquanto que o grau de segurança profissional e atitudes e filosofia pessoais e nível de percepção de seus problemas influenciaria a enfermeira".

Paim⁷ ênfoca o cuidado centrado no paciente, prevendo o "desenvolvimento da Enfermagem como ciência, não mais a partir de entidades clínicas e/ou procedimentos técnicos, normas e/ou rotinas, mas uma assistência de enfermagem a partir dos problemas identificados no paciente".

Este trabalho visa fornecer dados para que se possa ampliar a discussão em torno do Histórico. Não pretende ser um fim em si mesmo, mas apenas acrescentar pontos de interrogação, tentando somar esforços que, junto a outros, integrem e questionem o papel do enfermeiro como elemento atuante e capaz na terapêutica do paciente. É importante salientar a necessidade de se ter um instrumento de enfermagem que possa ser registrado, valorizado e aplicado uniformemente pelo enfermeiro, adaptável ao seu campo de atuação, dentro ou fora do contexto hospitalar.

O Histórico, demarcando o início da aplicação do Processo de Enfermagem, introduz o marco científico onde o enfermeiro poderá colher, reunir e analisar os dados do paciente. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos:

- Verificar a importância dada ao Histórico pelo médico, enfermeiro e paciente como instrumento para coleta de dados do paciente durante a sua internação;
- Comparar percepções do médico, enfermeiro e paciente em relação à importância dada ao Histórico como instrumento para coleta de dados do paciente durante a sua internação.

2. METODOLOGIA ADOTADA

Foram elaborados três instrumentos, a nível experimental, para entrevistar médicos, enfermeiros e pacientes, de maneira aleatória. Após serem aplicados em dois elementos de cada grupo, os instrumentos foram reavaliados e iniciou-se a aplicação formal do questionário em três Unidades de internação para pacientes adultos em um Hospital-Escola do Estado do Rio Grande do Sul, onde é utilizada a metodologia do Processo de Enfermagem há aproximadamente 3 anos.

A amostra dos médicos constou de quinze entrevistados residen-

tes ou contratados pela Instituição, aos quais eram explicados os objetivos do trabalho, iniciando-se a aplicação do formulário, cujos componentes foram:

1. Inquirir sobre o conhecimento ou não do Histórico;
2. Opiniões sobre o Histórico;
3. Verificar o costume de lê-lo e quando.

A amostra das enfermeiras constou de quinze entrevistadas. Eram expostos os objetivos do trabalho e iniciava-se a aplicação do instrumento. À cada pergunta correspondiam três ou mais opções, sendo que foi deliberado às enfermeiras a criação de nova alternativa, se assim fosse necessário.

As questões formuladas foram as seguintes:

1. Identificar se é agradável ou não aplicar o Histórico;
2. Quais são os sentimentos da enfermeira ao aplicá-lo;
3. De que maneira a maioria dos pacientes parece reagir durante a coleta de dados;
4. Averiguar se o Histórico permite ou não o planejamento da assistência ao paciente;
5. Inquirir a dificuldade ou não em prestar assistência ao paciente na ausência do Histórico de Enfermagem.

A amostra dos pacientes constou de quinze entrevistados, pertencentes a ambos os sexos, em boas condições gerais, lúcidos, orientados auto e alo-psiquicamente e capazes de comunicarem-se verbalmente. Alguns destes pacientes estavam com a sua locomoção limitada por problemas ortopédicos e/ou traumatológicos.

O prontuário do paciente era previamente consultado para saber o seu nome e constatar a presença do Histórico. Era absolutamente imprescindível que o paciente possuísse o HE em seu prontuário. No início da entrevista, era questionado se o paciente estava lembrado que, em determinado momento depois de sua admissão na Unidade, havia conversado com a enfermeira e exposto seus hábitos de alimentação, sono, eliminação, etc. Se o paciente afirmasse recordar-se desta situação, iniciava-se a aplicação do questionário, constando do seguinte:

1. Identificar se foi agradável ou não haver conversado com a enfermeira durante a coleta de dados para o Histórico;
2. Averiguar como se sentiu respondendo às perguntas da enfermeira;
3. Investigar a importância dada pelo paciente às suas respostas;
4. Inquirir sobre a mudança ou não de sentimentos em relação à hospitalização, depois de haver respondido às perguntas.

3. RESULTADOS

a) Entrevistas com médicos

Quadro 1: Respostas obtidas sobre: "Conhece o Histórico de Enfermagem?"

Sim		Não		Mais ou menos		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
13	86,6	1	6,7	1	6,7	15	100,0

Os dados evidenciam o conhecimento do histórico entre 93,3% dos entrevistados, ainda que um dos médicos referir-se conhecê-lo mais ou menos. Somente 6,7% referiu desconhecer o Histórico, sendo que, obviamente, não lhe foram perguntadas as outras questões.

Quadro 2: Respostas obtidas sobre "O que pensa sobre o Histórico?"

Opinião Positiva		Opinião Negativa		Sem Opinião		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
13	92,9	0	0,0	1	7,1	14	100,0

Observa-se que 92,9% dos médicos emitiram opiniões positivas a respeito do HE, descrevendo-o como "muito importante", "útil", "interessante", "bom", "excelente" e "com um enfoque mais social"; 7,1% não emitiu opinião pessoal. Nenhum entre os entrevistados opinou negativamente.

Quadro 3: Respostas obtidas sobre: "Costuma ler o Histórico?"

Sim									
Quase Sempre		Frequentemente		Ocasionalmente		Não		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
7	50,0	2	14,3	4	28,6	1	7,1	14	100,0

Entre os médicos, 92,9% afirmaram ler o HE, sendo que 50,0% referiram lê-lo quase sempre, 14,3% frequentemente e 28,6% ocasionalmente; 7,1% referiu não ler o HE.

Quadro 4: Continuação das respostas obtidas sobre ocasião em que lêem o histórico: "Se sim, quando?"

Geralmente durante a admissão do paciente		Durante a internação do paciente		Total	
n .	%	n .	%	n .	%
8	61,5	5	38,5	13	100,0

A tabela indica que 61,5% dos médicos lêem o Histórico geralmente durante a admissão do paciente e 38,5% lêem-no durante a sua internação.

b) Entrevista com enfermeiras

Quadro 5: Respostas obtidas com o enunciado: "Agrada-lhe aplicar o Histórico de Enfermagem?"

Sim		Não		Mais ou menos		É indiferente		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
12	80,0	0	0,0	3	20,0	0	0,0	15	100,0

Observa-se que para 80,0% das enfermeiras é agradável aplicar o Histórico; 20,0% afirmou mais ou menos, sendo que nenhuma das entrevistadas referiu não gostar de aplicá-lo ou, ainda, ser indiferente.

Quadro 6: Respostas obtidas com o enunciado: "Como você sente ao aplicá-lo?"

À Vontade		Inibido		Constrangido		Especulador da vida alheia		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
14	93,3	0	0,0	0	0,0	1	6,7	15	100,0

À observação do quadro, vê-se que 14 (93,3%) das enfermeiras se sentem à vontade durante a aplicação do Histórico; apenas 1 (6,7%) referiu sentir-se "especuladora da vida alheia", sendo que nenhuma delas referiu sentir-se inibida ou constrangida durante a sua aplicação.

Quadro 7: Respostas obtidas com enunciado: "Como a maioria dos pacientes parece reagir durante a coleta de dados?"

Respondem livremente		Não lhes agrada responder		Respondem com certa inibição		Outro		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
13	86,7	0	0,0	0	0,0	2	13,3	15	100,0

Respondem às perguntas livremente foi a afirmação de 13 (86,7%) das enfermeiras; 2 (13,3%) criaram nova alternativa, definindo a resposta como "depende de paciente: uns falam pouco, outros demais". Nenhuma das entrevistadas crê ser desagradável ao paciente respondê-las.

Quadro 8: Respostas obtidas com o enunciado: "O Histórico permite o planejamento da assistência ao paciente?"

Sim		Não		Mais ou menos		É indiferente		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
12	80,0	0	0,0	3	20,0	0	0,0	15	100,0

Segundo o quadro, 80,0% declararam que o HE permite o planejamento da assistência ao paciente e 20,0% consideram que o Histórico permite mais ou menos o seu planejamento; não permitir o planejamento ou ser indiferente a ele não foi critério declarado pelas enfermeiras.

Quadro 9: Respostas obtidas com enunciado: "Sente dificuldade em prestar assistência ao paciente quando este não possui coleta de dados de enfermagem com levantamento de problemas?"

Sim		Não		É indiferente		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
5	33,3	10	66,7	0	0,0	15	100,0

Observa-se que 66,7% das enfermeiras não sentiram dificuldade em prestar assistência ao paciente quando este não possui Histórico, enquanto 33,3% afirmam sentir dificuldade. Ser indiferente à presença ou ausência do HE não foi afirmação declarada pelas enfermeiras.

c) Entrevista com pacientes

Quadro 10: Respostas obtidas com o enunciado: "Foi agradável haver respondido às perguntas da enfermeira sobre os aspectos de vida durante a coleta de dados para o Histórico?"

Sim		Não		Mais ou menos		Foi indiferente		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
14	93,3	0	0,0	0	0,0	1	6,7	15	100,0

A tabela indica que 93,3% dos pacientes referiram ter sido agradável conversar com a enfermeira e responder às suas perguntas; somente 6,7% afirmou ser indiferente à questão. Nenhum dos pacientes referiu ter sido desagradável ou indiferente haver conversado com a enfermeira.

Quadro 11: Respostas obtidas com o enunciado: "Como se sentiu respondendo às perguntas da enfermeira durante a coleta de dados para o Histórico?"

À vontade		Inibido		Constrangido		Especulado		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
15	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	15	100,0

Os resultados evidenciaram que 100,0% dos pacientes sentiram-se à vontade durante a entrevista com a enfermeira; nenhum dos pacientes referiu sentir-se inibido, constrangido ou especulado no momento da coleta de dados.

Quadro 12: Respostas obtidas com o enunciado: "Foi importante haver respondido às perguntas da enfermeira?"

Sim		Não		Mais ou menos		Foi indiferente		Total	
n .	%	n .	%	n .	%	n .	%	n .	%
14	93,3	0	0,0	0	0,0	1	6,7	15	100,0

Observa-se que 93,3% dos pacientes referiram ter sido importante haver conversado com a enfermeira, sendo que 6,7% sentiu-se indiferente com relação à questão. Não ter sido importante haver conversado com a enfermeira ou ter sido mais ou menos não foi afirmação declarada pelos pacientes.

Quadro 13: Respostas obtidas com o enunciado: "Houve mudança nos seus sentimentos em relação à hospitalização, depois de haver respondido às perguntas?"

Sentiu-se mais à vontade		Sentiu-se mais inibido		Não mudou Absolutamente nada		Total	
n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
10	66,7	0	0,0	5	33,3	15	100,0

A tabela indica que 66,7% sentiu-se mais à vontade em relação à hospitalização depois de haver conversado com a enfermeira e 33,3% referiu não ter percebido mudança nos seus sentimentos. Sentir-se mais inibido não foi opinião emitida pelos pacientes.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Observa-se que os médicos consideram o HE como um instrumento importante para o planejamento da assistência ao indivíduo hospitalizado, as enfermeiras concordam positivamente quanto à sua aplicabilidade para o planejamento desta assistência e os pacientes apreciam prestar informações à enfermeira sobre os seus aspectos de vida, colaborando, dessa forma, para a elaboração daquele instrumento.

A maioria dos médicos (quadro 1) conhece o HE, sendo que 92,9% (quadro 3) costuma lê-lo, emitindo opiniões positivas a seu respeito e considerando-o como "muito importante", "útil", "interessante", e "bom" e "com um enfoque mais social" (quadro 2). Estas afirmações confirmam as palavras de Epstein⁵, segundo a qual "o paciente é um complexo sistema psíquico e somático e que uma só pessoa não poderá atender a todas as suas necessidades". Portanto, o HE, como instrumento de coleta de dados do paciente a partir de sua admissão, permite que a equipe possa se integrar em torno da abordagem do paciente como um todo.

A totalidade das enfermeiras (quadro 5) considera agradável aplicar o HE, sendo que 93,3% (quadro 6) sente-se à vontade durante a entrevista. Uma prévia explicação do que é o HE e uma conversa informal permitem que, geralmente, o cliente tenha um melhor padrão de comunicação com o profissional que elaborou o seu Histórico. O uso

sistemático desta metodologia desenvolve habilidades no entrevistador que, com o passar do tempo, torna-se mais apto para aplicá-lo. É preciso, isto sim, que o estudante desenvolva, ao longo do curso de Graduação, habilidades para aplicação do HE adaptadas ao contexto de cada Instituição de Saúde. Deve-se, ainda, tentar superar o mito de que ou o enfermeiro "faz as coisas bem feitas ou então não as faz".

As enfermeiras consideram que o HE permite o planejamento da assistência (quadro 8), contudo 66,7% não sente dificuldade em prestá-la na ausência do HE (quadro 9). Conseqüentemente, ao invés da assistência individualizada têm-se assistência centrada em rotinas; o enfermeiro torna-se o "quebra-galho", tentando cobrir todas as falhas do Serviço, inclusive a ausência de outros profissionais devidamente qualificados para a execução de tarefas que não lhe competem. Epstein⁵ enfatiza que "o paciente não deixa sua essência humana na portaria do hospital, enquanto submete uma série de sintomas às análises médicas e às limitações de rotina hospitalar". Estas palavras transcrevem com clareza o quanto é desumanizante e massificante estabelecer rotinas adaptáveis a todos os pacientes.

Ainda, pode-se questionar se o "sentar e escrever" não torna o enfermeiro mais burocrático, porém, cabe indagar de que forma será planejada e registrada a assistência prestada por este profissional.

A maioria dos pacientes (quadro 10) considerou agradável haver respondido às perguntas da enfermeira sobre os seus aspectos de vida, o que parece evidenciar o respeito que os pacientes sentiram pela sua individualidade, ao ser ouvido o que eles teriam a dizer, "foi o momento oportuno", como relatou um dos pacientes, "de se dizer o que é, o que vive, o que sofre". Durante a entrevista com a enfermeira, 100,0% dos clientes referiu sentir-se à vontade (quadro 11) e 93,3% considerou importante haver conversado com a enfermeira (quadro 12). Epstein⁵ refere que "o paciente, no fundo, possui dados vitais para ajudar a equipe médica no planejamento e execução do seu tratamento". Os achados mostram que o indivíduo também está cômico desta atitude e disposto a colaborar com a equipe de saúde. É preciso que se dê oportunidade para que o paciente possa verbalizar esses dados e também tomar parte na equipe de tratamento. Em relação à hospitalização, observou-se que 66,7% dos clientes sentiu-se mais à vontade depois de haver conversado com a enfermeira (quadro 13). Epstein⁵ questiona: "Como poderemos ajudar o paciente a se libertar, para que tenha parte ativa em sua própria vida, enquanto permanece no hospital?" Os dados anteriormente citados auxiliam a responder a indagação.

Após a observação e análise dos resultados obtidos, recomenda-se que:

- o enfermeiro reconheça o HE como um instrumento que auxilia na coleta de dados dos clientes sob seus cuidados, permitindo o planejamento da assistência de enfermagem a partir dos problemas levantados, podendo-se, dessa forma, individualizá-la e centralizá-la.

5. CONCLUSÃO

As percepções do médico e enfermeira em relação à importância do HE são uníssonas, pois consideram este instrumento de significativa utilidade para ser aplicado em indivíduos hospitalizados.

As enfermeiras consideram agradável aplicá-lo, sendo que a maioria sente-se à vontade durante a entrevista. Consideram, em sua totalidade, que o HE permite o planejamento da assistência, ainda que apenas 5 enfermeiros tenham referido dificuldade em prestar assistência na ausência deste instrumento.

A maioria dos pacientes apreciou haver conversado com a enfermeira, sentindo-se à vontade durante a entrevista; consideraram de significativa importância a conversa mantida com este profissional.

Contudo, averiguações posteriores poderão trazer novas perspectivas à questão, suprimindo deficiências ou reforçando aspectos já existentes.

SUMMARY: Deals with the doctor, nurse and patient's perception towards the importance given to the nursing history as an instrument in the data collection regarding the hospitalized individual. After being ordered on tables, the data were analyzed, to the conclusion that: Doctors and nurses look at the patient's history as an important instrument to be applied to hospitalized patients, whereas the patients were happy to have answered the nurse's questions, feeling relaxed toward hospitalization from that moment on.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMORIM, Maria José Arléo Barbosa. Histórico em Enfermagem e sua aplicação no Hospital Ana Nery. *Enfermagem em Novas Dimensões*. São Paulo, 5(3):123-28, maio-jun. 1979.

2. BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 11^o ed, MEC/FENAME, 1979.
3. CIANCIARULLO, Tamara I. O histórico de Enfermagem: subsídios para sua introdução no hospital. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. São Paulo, 10(2):219-29, ago. 1976.
4. DU GAS, Beverly Witter. *Enfermagem Prática*. Rio de Janeiro, 3^o ed, Interamericana, 1978.
5. EPSTEIN, Charlotte. *Interação efetiva na Enfermagem*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1979.
6. HORTA, Wanda de Aguiar. *Processo de Enfermagem*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1979.
7. PAIM, Lygia et alii. Iniciação à metodologia do processo de Enfermagem. *Publicação da Associação Brasileira de Enfermagem*. Seção Guanabara.
8. PAIM, Rosalda C.N. *Metodologia científica em Enfermagem*. Rio de Janeiro, 1980.
9. _____. *Problemas de Enfermagem e a terapia centrada nas necessidades do paciente*. União dos Cursos Cariocas, Rio de Janeiro, 1978.

Endereço do Autor: Rosane Cardoso Machado
Author's Address: Protásio Alves, 297
90.000 – Porto Alegre-RS